

UMA HISTÓRIA VERÍDICA

Quando eu era

INVISÍVEL



MARTIN PISTORIUS

A vida comovente de um menino preso
dentro do seu próprio corpo.

nascente



Prólogo

Barney, o Dinossauro está novamente na televisão. Detesto o Barney, e o seu tema musical. É cantado ao som da melodia de Yankee Doodle Dandy.

Observo as crianças que saltam e se lançam para os braços abertos do enorme dinossauro roxo antes de olhar à minha volta, no quarto. Aqui as crianças jazem imóveis, deitadas no chão ou afundadas em cadeiras. Uma correia mantém-me direito na minha cadeira de rodas. O meu corpo, tal como o delas, é uma prisão da qual não posso escapar: quando tento falar, fico em silêncio; quando tento mover o braço, este mantém-se parado.

Há apenas uma diferença entre mim e estas crianças: a minha mente sobe e desce, dá cambalhotas e faz piruetas enquanto tenta libertar-se do seu cárcere, suscitando um raio de cor gloriosa num mundo cinzento. Contudo, ninguém sabe disso, porque eu não consigo dizê-lo. Pensam que eu sou uma casca oca, por isso tenho estado aqui sentado a escutar Barney ou O Rei Leão dia após dia durante os últimos nove anos; e, quando eu pensava que pior do que isso não poderia haver, eis que chegam os Teletubbies.

Tenho 25 anos, mas as recordações do meu passado só remontam ao momento em que regressei à vida, vindo de onde me perdera. Era como ver clarões de luz no meio da escuridão enquanto ouvia as pessoas conversarem sobre o meu 16.º aniversário,

interrogando-se se deveriam rapar a penugem do meu queixo. Assustava-me escutar o que estavam a dizer, porque, embora eu não tivesse recordações ou o sentido de um passado, tinha a certeza de que era uma criança, e aquelas vozes estavam a falar de alguém que estava prestes a tornar-se um homem. Então fui percebendo lentamente que falavam sobre mim, tal como ia começando a compreender que tinha uma mãe e um pai, um irmão e uma irmã, que via ao fim de cada dia.

Alguma vez viram um daqueles filmes em que alguém desperta como um fantasma, mas sem saber que antes terá morrido? Era o que se passava comigo, ao perceber que as pessoas olhavam através de mim e à minha volta sem que eu entendesse o porquê. Por mais que eu tentasse implorar e suplicar, berrar e gritar, não conseguia que elas reparassem em mim. A minha mente estava encurralada dentro de um corpo inútil, os meus braços e as minhas pernas não me obedeciam, e a minha voz estava muda. Não conseguia fazer um sinal nem emitir um som para que alguém percebesse que eu recuperara a consciência. Era como um fantasma: um rapaz invisível.

Por isso aprendi a suportar o meu segredo e transformei-me numa testemunha silenciosa do mundo que me rodeava, enquanto a minha vida ia passando numa sucessão de dias idênticos. Nove anos passaram desde que recuperei a consciência, e, durante esse período, tenho-me evadido por meio da única coisa que tenho — a minha mente — e tenho explorado tudo desde o negro abismo do desespero até à paisagem psicadélica da fantasia.

Era essa a situação até eu ter conhecido a Virna, e agora só ela suspeita de que existe uma consciência ativa oculta dentro de mim. A Virna acredita que eu compreendo mais do que alguém poderia imaginar. Ela quer que eu o prove amanhã, quando for examinado numa clínica especializada em dar uma voz aos silenciosos, ajudando todos a comunicar (de pessoas com síndrome de Down e autismo a tumores cerebrais ou a lesões provocadas por AVC).

Uma parte de mim atreve-se a não acreditar que essa consulta possa libertar a pessoa que vive dentro desta casca. Levei tanto tempo a aceitar que estava preso dentro do meu corpo (a reconciliar-me com o inimaginável), que tenho medo de pensar que isso talvez seja capaz de mudar o meu destino. Contudo, por muito medo que eu tenha, quando contemplo a possibilidade de que alguém poderá finalmente perceber que estou aqui, sinto a esperança começar a renascer.



1

A contar o tempo

Passo os dias todos num centro de cuidados nos arredores de uma grande cidade da África do Sul. A poucas horas daqui, há montes cobertos de mato amarelo, onde vagueiam leões em busca de presas. No seu rasto surgem as hienas, que devoram os restos, e finalmente vêm os abutres, desejosos de debicar as últimas lascas de carne agarradas aos ossos. Nada se perde. O reino animal constitui um ciclo perfeito de vida e morte, tão interminável quanto o próprio tempo.

Acabei por compreender tão bem o caráter infinito do tempo, que aprendi a perder-me nele. Vários dias, se não semanas, podem passar enquanto eu fico fechado em mim, num negrume interior — um nada que é lavado e alimentado, levantado da cadeira de rodas para a cama —, ou mergulho nos minúsculos estilhaços de vida que vejo à minha volta. Formigas que rastejam no chão existem num mundo de guerras e escaramuças, em que se travam e perdem batalhas, sendo eu a única testemunha dessa história tão sangrenta e terrível como a de qualquer povo.

Aprendi a dominar o tempo em vez de ser o seu passivo recetor. Raramente vejo um relógio, mas ensinei-me a perceber que horas são pela forma como a luz do sol e as sombras caem à minha volta, depois de ter entendido que poderia decorar os pontos em que a luz incidia sempre que ouvia alguém perguntar as horas. Assim, passei a utilizar os pontos fixos que os meus dias aqui me

oferecem de forma tão inexorável para aperfeiçoar essa técnica: bebida da manhã às 10, almoço às 11 e meia, bebida da tarde às 15. Afinal, tenho tido imensas oportunidades para praticar.

Isso significa que agora consigo enfrentar os dias, olhá-los de frente e contá-los minuto a minuto, hora a hora, deixando que os sons silenciosos dos números me vão enchendo: a suave sinuosidade dos seis e dos setes, o aprazível *staccato* dos oitos e dos uns. Depois de perder uma semana inteira assim, sinto-me grato por viver num lugar ensolarado. Poderia nunca ter aprendido a conquistar o relógio, se tivesse nascido na Islândia. Em vez disso, teria tido de deixar o tempo passar sobre mim de maneira interminável, desgastando-me pouco a pouco, como um seixo na praia.

A forma como sei aquilo que sei — que a Islândia é um país de extrema escuridão e luz, ou que após os leões vêm as hienas e a seguir os abutres — é um mistério para mim. Fora as informações que vou bebendo sempre que ligam a televisão ou o rádio (as vozes que, tal como um caminho de arco-íris, conduzem ao pote de ouro que é o mundo exterior), ninguém me dá lições nem me lê livros. Interrogo-me se aquilo que sei será aquilo que aprendi antes de adoecer. A doença pode ter contorcido o meu corpo, mas só por algum tempo manteve a minha mente como refém.

Já passa do meio-dia, o que significa que faltam menos de cinco horas para o meu pai chegar. É o momento mais alegre do dia, pois significa que posso finalmente deixar o centro de cuidados para trás quando o meu pai me vem buscar, às 5 da tarde. Não consigo descrever o entusiasmo que sinto nos dias em que a minha mãe chega depois de sair do trabalho, às 2.

Vou começar a contar o tempo agora — segundos, depois minutos, depois horas —, esperando que isso faça com que o meu pai chegue um pouco mais depressa.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Espero que o papá ligue o rádio do carro para podermos ouvir o críquete juntos, a caminho de casa.



2

No fundo do mar

A té aos 12 anos, eu era um rapazinho normal: talvez mais tímido do que a maioria das pessoas, não do tipo traquinas, mas feliz e saudável. Adorava eletrônica e tinha tal aptidão natural para isso, que a minha mãe, quando eu tinha 11 anos, já me pedia que reparasse as tomadas elétricas, sabendo que eu montava circuitos eletrônicos há vários anos. O meu talento também me permitira instalar um botão de reiniciar no antigo computador dos meus pais e usar um sistema de alarme para proteger o meu quarto do meu irmão e da minha irmã mais novos, o David e a Kim. Ambos estavam constantemente determinados em invadir o meu minúsculo reino cheio de *Legos*, mas o único ser vivo que tinha autorização para entrar lá, além dos meus pais, era a nossa cadelinha amarela, chamada *Pookie*, que me seguia por toda a parte.

Ao longo dos anos, tenho prestado muita atenção às inúmeras reuniões e consultas, por isso fiquei a saber que em janeiro de 1988 cheguei a casa, vindo das aulas, queixando-me de dores de garganta, e nunca mais voltei à escola. Nas semanas e meses seguintes, deixei de comer e comecei a dormir diariamente horas a fio, queixando-me de quão doloroso era caminhar. O meu corpo começou a enfraquecer à medida que fui deixando de o usar, e a minha mente também: comecei por me esquecer dos factos, depois das tarefas habituais, como regar o meu bonsai, e finalmente até dos rostos.

— Que me dizes a isto? — grita ele por vezes, quando uma estaca é derrubada.

O mesmo acontece, se o meu irmão David joga computador quando eu estou no quarto.

— Vou passar para o nível seguinte! — grita ele por vezes, enquanto os seus dedos voam sobre o comando.

Nenhum deles faz a mínima ideia de como eu adoro esses momentos. Enquanto o meu pai aplaude quando marcam seis pontos, ou o meu irmão franze o sobrolho, frustrado, ao tentar melhorar a sua pontuação, imagino em silêncio as piadas que diria, a forma como praguejaria, gritando com eles, se pudesse fazê-lo, e durante alguns instantes preciosos deixo de me sentir um simples espetador.

Quem me dera que o meu papá chegasse.

Trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco...

Hoje o meu corpo sente-se pesado, e a correia que me segura aperta-me sobre a roupa, penetrando-me na pele. Dói-me a anca direita. Quem me dera que alguém me deitasse e aliviasse a minha dor. Estar sentado imóvel, durante horas a fio, não descansa tanto como se poderia imaginar. Conhecem aqueles desenhos animados em que alguém cai de uma escharpa, se estatela no chão — catrapum! — e desfaz em pedaços? É assim como eu me sinto: como se me tivesse desfeito num milhão de pedaços, e cada um deles me dói. A gravidade é dolorosa quando se aplica num corpo que não aguenta com o peso.

Cinquenta e sete, cinquenta e oito, cinquenta e nove. Um minuto.

Faltam quatro horas e cinquenta e nove minutos.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Por muito que eu tente, a minha mente regressa continuamente à dor da minha anca. Penso no homem desfeito dos desenhos animados. Por vezes desejo poder estatelar-me no chão tal como ele e ser pulverizado. Pois talvez assim, tal como ele, pudesse levantar-me de um salto e milagrosamente ficar novamente inteiro, antes de desatar a correr.

Para tentarem ajudar-me a recordá-los, os meus pais ofereceram-me uma moldura com fotografias da família para levar sempre comigo, e a minha mãe, Joan, passava-me um vídeo do meu pai, Rodney, todos os dias, quando ele tinha viagens de negócios. Contudo, embora eles esperassem que a repetição impedisse as recordações de se dissiparem da minha mente, não resultou. A minha fala foi-se deteriorando, enquanto eu me ia esquecendo lentamente de quem era e de onde estava. As minhas últimas palavras foram proferidas cerca de um ano após o início da minha doença, quando jazia numa cama de hospital.

— Quando casa? — perguntei à minha mãe.

No entanto, nada conseguia chegar a mim enquanto os meus músculos se iam atrofiando, os meus membros se tornavam espásticos, as minhas mãos e os meus pés se encurvavam sobre si próprios como garras. Para garantir que eu não morreria de fome enquanto o meu peso ia diminuindo em flecha, os meus pais acordavam-me para me dar de comer. Enquanto o meu pai me mantinha sentado, a minha mãe metia-me colheradas de comida na boca, e eu engolia-as instintivamente. Fora isso, não me mexia. Não tinha qualquer tipo de reação. Estava numa espécie de coma acordado que ninguém compreendia, porque os médicos não conseguiam diagnosticar as suas causas.

Ao princípio, os médicos pensaram que os meus problemas eram psicológicos, e passei várias semanas num serviço psiquiátrico. Só quando fui levado para as urgências devido a desidratação, depois de os psicólogos não terem conseguido convencer-me a comer ou beber, finalmente aceitaram que a minha doença era física e não mental. Nessa altura fizeram-me vários TAC e eletroencefalogramas, ressonâncias magnéticas e análises ao sangue, e recebi tratamento contra a tuberculose e a meningite criptocócica, mas não chegaram a qualquer diagnóstico conclusivo. Tentaram medicamento após medicamento (cloreto de magnésio e potássio, anfotericina e ampicilina), mas em vão. Eu viajara para

lá dos reinos daquilo que a medicina entendia. Perdera-me na terra onde jazem os dragões, e ninguém poderia salvar-me.

A única coisa que os meus pais podiam fazer era observarem-me enquanto eu lhes escapava das mãos dia após dia: tentaram manter-me a caminhar, mas eu tinha de ser segurado, pois as minhas pernas iam ficando cada vez mais frouxas; levaram-me a vários hospitais espalhados por toda a África do Sul, exame após exame, mas sem descobrirem coisa alguma; escreveram cartas desesperadas a especialistas da América, Canadá e Inglaterra, segundo os quais os seus colegas estavam a fazer tudo o que poderia ser feito.

Os médicos levaram cerca de um ano a confessar que tinham esgotado todas as opções de tratamento. A única coisa que podiam dizer era que eu sofria de um distúrbio neurológico degenerativo, de causa e prognóstico desconhecidos, aconselhando os meus pais a colocarem-me numa instituição e a deixarem que a minha doença seguisse o seu curso. De um modo delicado, embora firmemente, os profissionais de medicina lavaram as suas mãos do meu caso enquanto aconselhavam a minha mãe e o meu pai, de facto, a esperarem até que a minha morte nos libertasse a todos.

Por isso fui levado para casa, onde passei a ser tratado pela minha mãe, que pôs de parte o seu trabalho como técnica de raios X para cuidar de mim. Entretanto, o meu pai trabalhava durante tantas horas a fio, como engenheiro mecânico, que muitas vezes, ao chegar a casa, já não conseguia ver o David e a Kim antes de eles irem para a cama. A situação era insustentável. Após cerca de um ano, contando eu 14, decidiram que passaria os dias no centro de cuidados onde estou agora, mas que todas as noites regressaria a casa.

Passaram anos comigo perdido no meu mundo invisual, envolto em trevas. Os meus pais chegaram a estender colchões no chão da sala de estar para que eles, tal como a Kim e o David, pudessem viver como eu — ao nível do chão —, na esperança de me conseguirem alcançar. Porém eu jazia para ali como uma casca oca, inconsciente de tudo o que me rodeava. Até que, certo dia, comecei a regressar.



3

Assomando à superfície para respirar

Sou uma criatura marinha que rasteja no fundo do mar. Está escuro aqui. E frio. Lá em cima, cá em baixo e à minha volta só há trevas.

Porém, de repente começo a ver pedaços de luz, que cintilam acima da minha cabeça. Não compreendo o que são.

Algo me diz que tenho de tentar alcançá-los. Empurra-me para cima enquanto eu tento dar pontapés aos clarões, que deslizam através da superfície, muito acima de mim. Dançam enquanto tecem padrões de ouro e de sombra.

*

Os meus olhos focam-se. Tenho o olhar fixo num rodapé. É certo que me parece diferente do habitual, mas não sei explicar como.

*

O meu rosto é perpassado por um sussurro: vento.

*

Sinto o cheiro da luz do sol.

*

Música, alta e metálica. Crianças a cantarem. As vozes delas ora se ouvem melhor, ora pior, fortes e depois abafadas, até emudecerem.

*

Um tapete aparece, nadando. É um redemoinho de preto, branco e castanho. Fito-o fixamente, tentando obrigar os meus olhos a focarem-se, mas a escuridão envolve-me de novo.

*

Um pano molhado e frio cobre-me o rosto, e eu sinto a minha face arder, em sinal de desaprovação, enquanto uma mão me segura firmemente o pescoço.

— Não demoro nem um segundo — diz uma voz. — Temos de nos certificar de que agora és um rapaz limpinho, não é verdade?

*

Os clarões de luz tornam-se mais brilhantes. Estou a aproximar-me da superfície. Quero atravessá-la, mas não consigo. É tudo demasiado rápido enquanto eu próprio permaneço imóvel.

*

Sinto o cheiro de qualquer coisa: merda.

Arrasto as órbitas dos meus olhos para cima. Sinto-as tão pesadas.

Uma rapariguinha está de pé diante de mim. Está nua da cintura para baixo. Tem a mão besuntada de algo castanho. Dá uma risada enquanto tenta abrir a porta.

— Onde é que vai, menina Mary? — pergunta uma voz, enquanto duas pernas aparecem na orla do meu campo de visão.

Ouçó a porta fechar-se e depois um grunhido de repugnância.

— Outra vez não, Mary! — exclama a voz. — Olhe para a minha mão!

A menina ri. A sua alegria é como uma lufada de vento a abrir um sulco na areia que se estende, muito lisa, sobre uma praia deserta. Sinto-a vibrar dentro de mim.

*

Uma voz. Alguém está a falar. Duas palavras: «dezasseeis» e «morte». Não sei o que querem dizer.

*

É noite. Estou na minha cama. Em casa. Olho à minha volta na penumbra. Uma fila de ursos de peluche estão deitados ao meu lado, e há qualquer coisa estendida aos meus pés.

A Pookie.

Contudo, quando aquele peso familiar desaparece, sinto-me como se me elevasse no ar. Estou confuso. Não estou no mar. Agora estou na vida real. Todavia, ainda me sinto como se estivesse a flutuar, deixando o meu corpo e elevando-me em direção ao teto do meu quarto.

De repente apercebo-me de que não estou sozinho. Presenças tranquilizadoras juntam-se à minha volta. Consolam-me. Querem que eu as siga. Agora compreendo que não há qualquer razão para continuar aqui. Estou cansado de tentar chegar à superfície. Quero deixar-me levar, entregar-me às profundezas do mar ou às presenças que agora estão comigo: seguir quem me levar primeiro.

De repente, porém, há um pensamento que me invade: não posso deixar a minha família.

Eles estão tristes por minha causa. O seu desgosto é como uma mortalha que me envolve sempre que eu assomo acima da superfície das ondas. Se eu partir, já nada terão a que se agarrar. Não posso ir.

Aspiro, enchendo os pulmões. Abro os olhos. Estou novamente só. Fosse o que fosse que estivesse comigo desapareceu.

Anjos.

Decidi ficar.



4

A caixa

Mesmo depois de ter recuperado a consciência, não compreendi plenamente o que me sucedera. Assim como um bebê, que ao nascer não sabe que é incapaz de controlar os seus movimentos e de falar, também eu não pensava naquilo que era ou não capaz de fazer. Os meus pensamentos precipitavam-se através da minha mente sem que eu alguma vez pensasse traduzi-los por palavras, e não percebia que o corpo que via, ora a sacudir-se, ora imóvel à minha volta, era o meu. Levei algum tempo a compreender que estava completamente sozinho no meio de um mar de gente.

Contudo, à medida que a minha consciência e as minhas recordações começavam lentamente a entretecer-se e que a minha mente ia voltando a ligar-se gradualmente ao meu corpo, comecei a perceber que estava diferente. Deitado no sofá enquanto o meu pai via ginástica na televisão, ficava fascinado com os corpos que se moviam sem qualquer esforço, com a força e o poder que revelavam em cada volta e reviravolta. Depois fixava o olhar em dois pés que via com frequência e percebia que me pertenciam. O mesmo acontecia com as duas mãos que tremiam de forma descontrolada sempre que as via por perto. Também faziam parte de mim, mas eu não as conseguia controlar minimamente.

Eu não estava paralisado: o meu corpo movia-se, mas independentemente de mim. Os meus membros tinham-se tornado

espásticos. Sentia-os distantes, como se estivessem envoltos em cimento, e não conseguia controlá-los. As pessoas estavam sempre a tentar obrigar-me a usar as minhas pernas (os fisioterapeutas dobravam-nas em contorções dolorosas enquanto tentavam manter os meus músculos em funcionamento), mas eu não conseguia mexer-me sem ajuda.

Se eu tentasse caminhar, fá-lo-ia com passos atabalhoados, arrastando um pouco os pés, com alguém a segurar-me, pois de outro modo cairia ao chão. Se tentasse comer sozinho, a minha mão besuntaria o meu rosto todo com comida. Os meus braços não se estendiam instintivamente para me proteger, impedindo-me de cair de rosto por terra. Não conseguia virar-me sobre mim próprio quando estava deitado na cama, por isso ficava na mesma posição durante horas a fio, a menos que alguém me virasse. Os meus membros recusavam-se a abrir-se com fluidez; em vez disso, enrolavam-se sobre si próprios como caracóis a esconderem-se nas suas cascas.

Assim como um fotógrafo ajusta cuidadosamente a objetiva da sua máquina até a imagem se tornar nítida, a minha mente levou algum tempo a focar-se. Embora o meu corpo e eu próprio estivéssemos presos numa luta interminável, a minha mente ia-se fortalecendo à medida que as peças da minha consciência se iam entretecendo.

Gradualmente fui tomando consciência de cada dia e de cada hora. Esquecia-me da maior parte deles, mas havia momentos em que eu via a História a desenrolar-se. O juramento de Nelson Mandela como presidente em 1994 é para mim uma recordação nublada, ao passo que a morte de Diana em 1997 é bem clara.

Penso que a minha mente começou a despertar por volta dos meus 16 anos, e aos 19 estava de novo completamente intacta: eu sabia quem era e onde estava e compreendia que a minha vida me fora roubada. Se acordava a pensar que estivera a dormir num iglu, em breve descobria que estava enterrado debaixo de um glaciér. Estava completamente sepultado.

Aquilo aconteceu há seis anos. Ao princípio tinha vontade de lutar contra o meu destino, deixando algum sinal minúsculo para reconduzir as pessoas até mim, como os pedacinhos de pão que Hansel e Gretel deixam atrás de si para os ajudarem a encontrarem a saída da floresta escura. Pouco a pouco, porém, acabei por compreender que os meus esforços nunca seriam suficientes: à medida que ia regressando à vida, ninguém compreendia exatamente o que se passava.

Enquanto ia recuperando lentamente o controlo do meu pescoço, permitindo-me baixar a cabeça e virá-la para a direita, levantá-la ocasionalmente ou sorrir, as pessoas não percebiam o que significavam os meus novos movimentos. Não acreditavam que os milagres pudessem acontecer duas vezes: eu já sobrevivera às previsões dos médicos de que certamente morreria, por isso ninguém pensava em procurar uma intervenção divina pela segunda vez. À medida que eu começava a «responder» que sim ou não a perguntas simples virando a cabeça ou sorrindo, pensavam que isso revelava melhorias muito básicas apenas. Ninguém punha a hipótese de que o progresso das minhas reações pudesse significar que a minha inteligência estivesse de algum modo intacta. Tinham-lhes dito há muito tempo que eu sofrera graves lesões cerebrais, por isso, quando o rapaz com membros semelhantes a palitos, olhos vazios e baba a escorrer-lhe pelo queixo abaixo levantava a cabeça de vez em quando, era isso que eles viam.

Portanto tratavam-me (alimentando-me e dando-me água a beber, limpando-me e lavando-me), mas nunca reparando em coisa alguma. Pedia uma e outra vez aos meus membros rebeldes que dessem um sinal e mostrassem a alguém que eu ainda estava ali, mas eles nunca faziam o que eu lhes rogava.

Estou sentado na minha cama. O meu coração bate enquanto o meu pai me despe. Eu quero que ele saiba, que compreenda que voltei para ele. Ele tem de me ver!

Olho fixamente para o meu braço, desejoso de que funcione. Cada pedacinho de mim se condensa nesse momento. Olho fixamente para o meu braço: suplicando-lhe, bajulando-o, admoestando-o e implorando-lhe. O meu coração palpita quando eu o sinto reagir às minhas súplicas. O meu braço acena, erguendo-se acima da minha cabeça. Finalmente lidero o caminho de regresso a mim próprio com o tipo de sinal que tentei dar durante tanto tempo.

Ao olhar para o meu pai, porém, não vejo choque nem surpresa estampados no rosto dele. Ele continua simplesmente a descalçar-me os sapatos.

Papá! Estou aqui! Não vês?

O meu pai, porém, nem sequer repara em mim. Continua a despir-me, e o meu olhar desliza, contrafeito, até ao meu braço. Só então percebo que está imóvel. Por muito forte que a minha esperança pareça, a sua única manifestação exterior é uma contração muscular perto do cotovelo. O movimento é tão impercetível, que certamente o meu pai nunca dará por ele.

Fico furioso. Tenho a certeza de que vou rebentar. Respiro fundo.

— Estás bem, rapaz? — pergunta o meu pai, erguendo o olhar ao ouvir a minha respiração entrecortada.

Só consigo fitá-lo, rezando para que o meu desespero silencioso lhe seja transmitido de algum modo.

— Vamos meter-nos na cama, está bem?

O meu pai enfia-me uma camisola de pijama pela cabeça e depois deita-me. A ira rói-me o estômago. Eu sei que a devo desligar: será muito doloroso, se não o fizer. Tenho de me perder no nada, senão enlouquecerei.

Noutros momentos tentava gemer, esperando que, se um ruído escapasse do meu peito, alguém se interrogaria sobre o seu significado, mas nunca conseguia emitir um único som. Anos mais tarde, por vezes tentava falar, mas continuava sempre silencioso.

Não conseguia pegar numa caneta para garatujar uma mensagem ou pronunciar um pedido de socorro. Estava isolado na minha própria ilha, e os meus sonhos de ser salvo dissipavam-se enquanto a esperança pingava para dentro de mim.

Comecei por sentir horror, depois um desapontamento amargo, enquanto me virava para dentro de mim próprio, tentando sobreviver. Como uma tartaruga que se recolhe para dentro da sua carapaça, aprendi a escapar da realidade mediante a fantasia. Eu sabia que iria passar o resto da minha vida de forma tão impotente como vivia cada dia presente, e enfim já não tentava responder ou reagir, limitando-me a olhar para o mundo com uma expressão vazia.

Para as outras pessoas, eu assemelhava-me a uma planta envasada: uma planta que devia ser regada e deixada a um canto. Toda a gente estava tão habituada a que eu não estivesse ali, que nem sequer repararam quando recomecei a estar presente.

Aliás, eu fora metido dentro de uma caixa havia muito tempo. Tal como cada um de nós. Serão vocês a criança «difícil» ou o amante «dramático», o irmão «contestatário» ou o cônjuge «martirizado»? As caixas tornam-nos mais fáceis de entender, mas também nos aprisionam, porque as pessoas deixam de conseguir ver através delas.

Todos nós temos ideias fixas sobre os outros, embora a verdade possa estar muito longe daquilo que nós pensamos ver. Foi por isso que ninguém questionou o significado das minhas melhorias, suficientes para que eu respondesse a perguntas simples tais como «Queres tomar chá?», virando a cabeça ou sorrindo.

Para a maioria das pessoas que se encontravam comigo, eu era apenas um trabalho. Para a equipa do meu centro de cuidados, era um acessório familiar em que nem sequer reparavam ao fim de tantos anos; para os funcionários de outros lugares aonde eu era enviado quando os meus pais estavam fora, era apenas um paciente de passagem; para os médicos que me viam, era «aquele

que não consegue fazer grande coisa», como um deles me descreveu de forma memorável ao seu colega, enquanto eu jazia como uma estrela-do-mar sobre uma mesa de raios X.

Os meus pais tinham empregos a tempo inteiro e dois filhos além de mim de quem cuidar, mas faziam tudo, desde mudar-me as fraldas a cortar-me as unhas dos pés. Para atenderem às minhas necessidades físicas, gastavam tanto tempo e energia, que não admira que a minha mãe e o meu pai não parassem para pensar se eu desafiara as probabilidades médicas, ao recuperar milagrosamente.

Por isso mantive-me dentro da caixa onde fora metido havia tanto tempo. Era a caixa designada por uma única palavra: «imbecil».



5

Virna

O cheiro do óleo de tangerina é intenso, mas doce, enquanto a Virna me massaja o braço. As suas mãos movem-se continuamente enquanto ela trabalha os meus músculos de chumbo. Quando eu a fito, ela levanta a cabeça e sorri-me, e eu interrogo-me mais uma vez por que razão não reparei na esperança quando chegou à minha vida.

Ao princípio eu só sabia que a Virna nunca mostrava os dentes quando sorria e que contraía nervosamente a perna quando a cruzava na outra, sentada numa cadeira. Começara a trabalhar no meu centro de cuidados como assistente, e eu reparei nesses detalhes acerca dela, porque é isso que acontece quando as pessoas não falam connosco. No entanto, quando a Virna começou a falar comigo, percebi que ela era uma pessoa que eu nunca iria esquecer. A maior parte das pessoas falam comigo, à minha volta, sobre ou acerca de mim de tal modo que alguém que me trate como se eu não fosse apenas um simples vegetal se torna inesquecível.

Certa tarde a Virna contou-me que tinha dores de estômago. É o tipo de confissão diária que eu ouvia há anos de pessoas à minha volta enquanto elas conversavam à vontade, pensando que eu não estava realmente com elas. Aquilo que eu conheço acerca dos funcionários do centro, incluindo os seus problemas de saúde,

certamente não vale a pena saber: uma delas tem um marido com Alzheimer, outra tem problemas de rins, e o tumor vaginal de uma delas quase a impediu de ter filhos.

No entanto, quando a Virna falou comigo, foi diferente. Ela não estava a falar para consigo nem com outro nem com o quarto vazio, como faz a maioria das pessoas. Estava a falar comigo, a conversar como conversaria com alguém da sua idade acerca dos pensamentos que perpassavam a sua mente, como partículas de poeira ao sol. Era uma conversa que quaisquer amigos de 20 e tantos anos poderiam ter, mas que eu nunca tivera antes. A partir dali a Virna começou a contar-me tudo, da tristeza provocada pela doença da sua avó ao novo cachorrinho que comprara e ao rapaz com quem iria sair, o que a deixava muito entusiasmada. Quase me parecia que eu estava a travar a minha primeira amizade.

Foi por isso que comecei a olhar para a Virna, o que não é coisa que eu faça com frequência. Geralmente a minha cabeça parece um bloco de cimento quando eu tento levantá-la, e raramente estou ao mesmo nível ocular das outras pessoas, pois permaneço sentado numa cadeira ou deitado. Custa-me tanto, que há muito tempo desisti de estabelecer contacto ocular com as pessoas que olham, mas nunca veem. Todos os dias fico sentado durante horas a fio, fixando o olhar no vazio. Todavia, isso mudou quando a Virna começou a fazer-me, a mim e a alguns dos meus colegas, massagens de aromaterapia para acalmar os nossos membros contorcidos. Deitado de costas enquanto ela massajava os meus músculos doridos, conseguia deixar que os meus olhos a seguissem enquanto ela falava comigo, e pouco a pouco comecei a espreitar para fora da casca dentro da qual me recolhia.

A Virna olhava-me como deve ser, algo que ninguém fazia há muito tempo. Ela percebeu que os meus olhos eram de facto as janelas para a minha alma, e ia-se convencendo cada vez mais de que eu entendia o que me dizia. Porém, como poderia convencer

as outras pessoas de que o rapaz invisível sem reações era capaz de mais do que isso?

Os meses deram lugar a um ano e depois a dois. Há cerca de seis meses, a Virna tinha visto um programa de televisão acerca de uma mulher que fora ajudada a comunicar depois de ter ficado muda, devido a um AVC. Pouco depois, a Virna foi a um *open day* de um centro próximo, onde ouviu especialistas falarem acerca daquilo que se poderia fazer para ajudar pessoas que não conseguem falar, e regressou entusiasmada para me contar aquilo que aprendera.

— Usam interruptores e aparelhos eletrónicos para ajudar as pessoas a comunicar — contou-me ela. — Achas que consegues fazer alguma coisa assim, Martin? Estou certa de que sim.

Outras funcionárias do centro também tinham ido ao *open day*, mas não estavam tão convencidas como a Virna de que eu talvez fosse um candidato possível.

— Achas mesmo que ele seria capaz? — perguntou-lhe uma delas, depois de a Virna ter revelado as suas esperanças acerca de mim.

A mulher inclinou-se para mim com um meio sorriso estampado no rosto, e eu sorri, tentando mostrar-lhe que compreendia o que ela dizia. Porém, os meus dois únicos gestos — baixar a cabeça para a direita e sorrir — são interpretados como reações reflexas de uma mente pouco desenvolvida, o tipo de reações que qualquer bebé de seis meses pode ter, por isso em nada reparou.

A funcionária olhou para mim e suspirou, enquanto o sorriso amarelo dela se dissipava. Interroguei-me se ela saberia que o seu hálito ficara mais amargo, devido ao café que bebera havia pouco.

— Já viste ideia mais ridícula? — diria ela mais tarde à sua amiga, depois de a Virna ter saído. — É impossível que qualquer um deles consiga comunicar.

As duas mulheres olharam à sua volta, na sala.

— Talvez o Gertje?

Olharam para um rapazinho que estava a brincar com um carrinho ali perto.

— É um pouco melhor do que alguns, não é?

As mulheres calaram-se por um momento antes de os seus olhos pousarem em mim. Não disseram nada enquanto me contemplavam, sentado na minha cadeira de rodas. Nem precisavam de dizer. Eu sei que sou considerado um dos sujeitos com mais baixo grau de funcionamento naquele lugar, onde o único requisito de ingresso é um QI de no máximo 30.

Apesar de tantas dúvidas, a Virna não se deixaria influenciar. Dentro dela ateara-se uma fogueira de convicção. Depois de ter contado às pessoas uma e outra vez que achava que eu era capaz de entender o que me diziam, falou com os meus pais, que aceitaram a minha sujeição a testes. Amanhã vão levar-me ao lugar onde talvez possa finalmente receber a chave para a porta da minha prisão.

— Vais dar o teu melhor, não vais? — diz-me a Virna neste momento, olhando para mim.

Percebo que ela está preocupada. A dúvida perpassa-lhe o rosto como sombras de nuvens a correrem pelo horizonte num dia de sol. Retribuo-lhe o olhar, desejando poder dizer-lhe que utilizarei cada fibra do meu ser para tirar o máximo partido de uma oportunidade que imaginava inatingível. É a primeira vez que serei avaliado assim, e farei tudo o que puder para dar algum sinal de que mereço essa atenção.

— Por favor, faz tudo o que puderes, Martin — pede a Virna. — É tão importante que lhes mostres o que consegues fazer, porque eu sei que tu consegues.

Fito-a. Algumas lágrimas cor de prata cintilam no canto dos seus olhos. A sua fé em mim é tão forte, que é meu dever compensá-la.



6

Despertando

Duas portas de vidro deslizam, abrindo-se diante de mim com um sibilo. Nunca tinha visto portas como estas na minha vida. O mundo voltou a surpreender-me. Às vezes vejo-o passar através da janela do automóvel onde estiver sentado, mas fora isso é como se se mantivesse à parte de mim. Os meus pequenos vislumbres do mundo deixam-me sempre intrigado. Uma vez passei vários dias a pensar no telemóvel de um médico, depois de o ter visto preso ao seu cinto: era tão mais pequeno do que o do meu pai, que eu não conseguia deixar de me interrogar sobre o tipo de bateria que o carregaria. Há tantas coisas que eu gostaria de perceber.

O meu pai empurra a minha cadeira de rodas enquanto entramos no Centro de Comunicação Aumentativa e Alternativa da Universidade de Pretória. Estamos em julho de 2001: passaram 13 anos e meio desde que eu adoeci. No passeio, lá fora, vi estudantes a caminharem ao sol e jacarandás a arquearem-se lá em cima, mas está tudo silencioso dentro do edifício. Mosaicos verde-mar estendem-se ao longo de um corredor; as paredes estão cobertas por cartazes informativos. Somos um pequeno bando de exploradores que está a entrar neste mundo desconhecido: os meus pais, o meu irmão David e a Virna, bem como a Marietta e a Elize, uma assistente e uma fisioterapeuta que me conhecem há anos.

— Sr. e Sra. Pistorius? — pergunta uma voz, e eu ergo os olhos, avistando uma mulher. — Eu chamo-me Shakila e hoje vou avaliar o Martin. Estamos só a preparar a sala, mas não demora.

Sinto suores frios, de medo. Não consigo fixar os rostos que me rodeiam; não quero ver a dúvida nem a esperança nos olhos deles enquanto esperamos em silêncio. Mandam-nos entrar para uma pequena divisão onde Shakila nos espera com outra mulher chamada Yasmin. Deixo cair a cabeça enquanto elas começam a conversar com os meus pais. O interior da bochecha dói-me. Hoje trinquiei-a sem querer enquanto almoçava, e a minha boca ainda está sensível, embora tenha parado de sangrar.

Enquanto Shakila interroga os meus pais sobre o meu historial clínico, eu questiono-me sobre o que eles pensarão ao fim de todo este tempo. Será que têm tanto medo como eu?

— Martin? — ouço uma voz dizer, enquanto a minha cadeira de rodas é empurrada através da sala.

Paramos por fim diante de uma grande placa de *perspex* suspensa de um suporte de metal mesmo à minha frente. Linhas vermelhas atravessam o ecrã em todas as direções, dividindo-o em quadrículas com pequenas imagens pretas e brancas dentro de algumas delas. Esses desenhos com traços representam coisas simples (uma bola, uma torneira com água a correr, um cão), e Shakila está de pé do outro lado do ecrã, olhando-me com atenção enquanto eu os observo.

— Quero que olhes para a imagem da bola, Martin — diz Shakila.

Levanto um pouco a cabeça e deixo que os meus olhos procurem no ecrã. Não consigo controlar a cabeça o suficiente para movê-la lateralmente como deve ser, por isso os meus olhos são a única parte do meu corpo que eu domino completamente. Deslizam de um lado para o outro sobre as imagens, até eu encontrar a bola. Detenho os meus olhos nela, fito-a atentamente.

— Bravo, Martin, muito bem — sussurra Shakila, olhando para mim.

Sinto um receio súbito. Estarei a olhar para a imagem certa? Estarão os meus olhos realmente fixos na bola ou estarão a olhar para outro símbolo? Não consigo saber ao certo.

— Agora quero que olhes para o cão — diz Shakila, e começo a procurar de novo.

Os meus olhos movem-se lentamente sobre as imagens, não querendo cometer um erro ou deixar passar alguma coisa. Procuro lentamente até encontrar o desenho do cão do lado esquerdo do quadro e fixo nele o meu olhar.

— E agora a televisão — diz ela.

Em breve encontro a imagem da televisão. Embora eu queira fixar o meu olhar para mostrar a Shakila que encontrei aquilo que ela me pediu, o meu queixo cai contra o meu peito. Tento não entrar em pânico, interrogando-me se estarei a falhar o teste.

— E que tal se tentarmos uma coisa diferente? — pergunta Shakila, e a minha cadeira de rodas é empurrada em direção a uma mesa coberta de cartões.

Cada um deles tem uma palavra e uma imagem desenhada. Pânico. Não consigo ler as palavras. Não sei o que dizem. Se não as conseguir ler, será que falharei no teste? Se falhar no teste, terei de voltar para o centro de cuidados e ficar lá sentado para sempre? O meu coração começa a bater dolorosamente dentro do meu peito.

— Podes apontar a palavra «Mamã», por favor, Martin? — pede-me Yasmin, a outra terapeuta da fala.

Não sei qual é o aspeto da palavra «Mamã», mas apesar disso olho fixamente para a minha mão direita, tentando fazê-la mover-se, desejando que ela dê algum sinal de que eu compreendo o que me estão a pedir. A minha mão treme furiosamente enquanto eu tento erguê-la do meu colo. A sala está envolvida num silêncio de morte enquanto o meu braço se ergue lentamente no ar, antes de começar a sacudir-se violentamente de um lado para o outro. Odeio o meu braço.

— Vamos tentar de novo, está bem? — pergunta Shakila.

O meu progresso é dolorosamente lento, à medida que me vão pedindo para identificar símbolos apontando para os mesmos. Sinto vergonha do meu corpo inútil e estou zangado por não conseguir fazer melhor na primeira vez em que alguém lhe pede alguma coisa.

Rapidamente Shakila dirige-se a um grande armário e retira daí um pequeno mostrador retangular. Tem mais símbolos inscritos nele e um grande ponteiro vermelho ao meio. Shakila pousa-o em cima da mesa, à minha frente, antes de lhe ligar vários fios que se estendem a partir de uma placa amarela fixa à extremidade de um suporte flexível.

— Isto é um monitor e um interruptor de cabeça — explica Yasmin. — Podes usar o interruptor amarelo para controlar o ponteiro do mostrador enquanto este gira e pará-lo para identificares o símbolo que quiseres. Percebes, Martin? Consegues ver os símbolos no monitor? Quando te pedirmos para identificar um, queremos que primas o interruptor com a tua cabeça quando o ponteiro chegar ao símbolo. Achas que consegues?

Olho para os símbolos: um deles mostra água a correr de uma torneira, outro, um prato com bolachas, um terceiro, uma chávena de chá. Há oito símbolos no total.

— Quero que pares o ponteiro quando chegares à torneira, por favor — pede Yasmin.

O ponteiro vermelho começa a girar lentamente sobre o mostrador. Avança tão lentamente, que eu me interrogo se alguma vez chegará à imagem da torneira. Empurro a cabeça contra o interruptor. O ponteiro para no sítio certo do mostrador.

— Boa, Martin — felicita-me.

Encho-me de assombro. Nunca controlei coisa alguma até agora. Nunca fiz com que outro objeto obedecesse à minha vontade. Fantasiei sobre isso uma e outra vez, mas nunca levei um garfo à boca, nunca bebi de uma chávena nem mudei os canais da televisão. Não consigo apertar os meus sapatos, dar um pontapé numa

bola ou andar de bicicleta. Ter parado o ponteiro sobre o mostrador faz-me sentir triunfante.

Durante a hora seguinte, Yasmin e Shakila vão-me dando vários interruptores para eu usar, enquanto tentam descobrir se há alguma parte do meu corpo que eu consiga controlar o suficiente para os usar devidamente. A minha cabeça, joelhos e membros rebeldes são colocados suficientemente perto dos interruptores para que eu possa tocar-lhes. Primeiro, há uma caixa preta e retangular com um interruptor branco e comprido que está pousado na mesa à minha frente. Chama-se interruptor oscilante. Empurro o meu braço direito para cima antes de o atirar para baixo, esperando estabelecer contacto com aquele, sabendo que só por sorte, e não por habilidade, o conseguirei. Depois há um enorme interruptor amarelo, tão grande e redondo como um pires, na direção do qual eu atiro a minha indisciplinada mão direita, porque a esquerda é quase completamente inútil. Uma e outra vez Yasmin e Shakila vão-me pedindo para usar os interruptores a fim de identificar símbolos simples: uma faca, uma banheira, uma sanduíche — o tipo de imagens mais básico, que até as pessoas com o menor grau de inteligência possível conseguem identificar. Às vezes tento usar a mão direita, mas na maior parte das vezes olho fixamente para o símbolo que me pedem para identificar.

Ao fim de um tempo, que me parece uma eternidade, Shakila volta-se finalmente para mim. Tenho os olhos fixos num símbolo em que se vê uma grande espiral amarela.

— Gostas de *McDonald's*? — pergunta ela.

Não sei do que está a falar. Não posso virar a cabeça ou sorrir para responder que sim ou não, porque não compreendo a pergunta.

— Gostas de hambúrgueres?

Sorrio para Shakila, dando-lhe a entender que gosto, e ela levanta-se. Dirigindo-se de novo ao armário grande, retira uma caixa

preta. O topo da caixa está dividido em pequenos quadrados por uma estrutura de plástico sobrejacente, e dentro de cada um vejo um símbolo.

— Isto é um aparelho de comunicação chamado Macaw — diz-me Shakila num tom calmo. — E, se tu aprenderes a usar os interruptores, um dia vais ser capaz de usar um destes aparelhos.

Fixo o olhar na caixa enquanto Shakila a liga, e uma luzinha vermelha minúscula começa a piscar lenta e alternadamente no canto de cada quadrado. Os símbolos não são pretos e brancos como os dos cartões. São de cores vivas, e há palavras escritas ao lado deles. Vejo a imagem de uma chávena de chá e o desenho de um sol. Observo Shakila para ver o que sucederá enquanto ela prime um interruptor para seleccionar um símbolo.

— Estou cansado — diz subitamente uma voz gravada.

Provém da caixa. É a voz de uma mulher. Olho fixamente para o Macaw. Poderá aquela caixinha preta dar-me uma voz? Mal acredito que alguém possa julgar-me capaz de vir a utilizá-lo. Será que elas percebem que eu consigo fazer mais além de apontar para uma bola desenhada com traços pretos e grossos num cartão?

— Tenho a certeza de que tu nos compreendes — diz Shakila, sentando-se à minha frente. — Vejo pela forma como os teus olhos se deslocam que tu consegues identificar os símbolos que nós te pedimos para identificares e que para isso também tentas usar a tua mão. Estou certa de que vamos conseguir encontrar uma forma de te ajudar a comunicar, Martin.

Olho fixamente para o chão, incapaz de continuar a mover-me por hoje.

— Não gostavas de poder dizer a alguém que estás cansado ou que tens sede? — pergunta Shakila em voz baixa. — Que gostavas de vestir uma camisola azul em vez de uma vermelha, ou que queres dormir?

Não tenho a certeza. Até hoje nunca disse a seja quem for aquilo que quero. Seria eu capaz de fazer escolhas, se isso me

fosse concedido? Seria eu capaz de dizer a alguém que quero deixar o meu chá arrefecer em vez de o beber à pressa, quando me levam uma palhinha à boca, porque eu sei que essa será a única oportunidade de beber que terei em várias horas? Eu sei que a maior parte das pessoas tomam milhares de decisões diariamente acerca daquilo que comem e vestem, de onde vão e de com quem vão estar, mas eu não tenho a certeza de ser capaz de tomar uma única decisão. É como pedir a uma criança que foi criada no deserto para se atirar ao mar.

PARA TODOS, ELE ERA UM CORPO INERTE, EM ESTADO VEGETATIVO.
E NO ENTANTO, MARTIN ESTAVA CONSCIENTE.
OUVIA E VIA TUDO O QUE SE PASSAVA À SUA VOLTA.
SÓ NÃO O CONSEGUIA MOSTRAR.

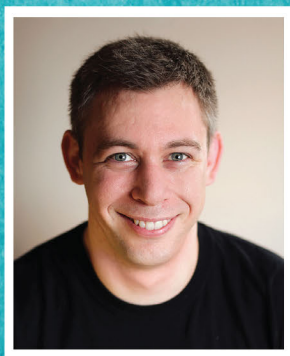
Até aos 12 anos, Martin Pistorius era um menino igual aos outros, crescendo feliz e saudável. Nada fazia adivinhar que um dia adoeceria gravemente e que em pouco tempo deixaria de andar e falar. Para os médicos, Martin tinha entrado em estado vegetativo.

Lentamente, Martin foi recuperando a consciência. A sua mente, contudo, estava encurralada dentro de um corpo inútil, cujos braços e pernas não obedeciam e cuja voz se mantinha muda, incapaz de emitir um som. Martin sentia-se invisível, suportando o seu segredo como uma testemunha silenciosa do mundo que o rodeava, vendo a vida passar numa sucessão de dias idênticos.

Depois de 12 anos de encarceramento, Martin conheceu Virna, uma terapeuta que viu para além do corpo preso a uma cadeira de rodas e que apenas movia os olhos. Viu um ser humano na plena posse das suas faculdades mentais.

Este foi apenas o princípio de um extraordinário renascimento e o primeiro impulso para que Martin despertasse, gradualmente, para a vida. De um menino que dependia completamente dos outros, Martin Pistorius transformou-se num homem independente, que se licenciou, conseguiu um emprego e casou com o amor da sua vida.

Êxito de vendas em todo o mundo, publicado em mais de 25 países,
o testemunho de Martin Pistorius é uma lição de vida e um hino
à força interior e à coragem.



«Os sonhos podem ter o tamanho que nós quisermos.
O importante, porém, é termos um que seja o nosso.»

.....

MARTIN PISTORIUS



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.nascente.pt


o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8086-59-4



9 789898 086594

Memória Inspiracional